



Sociologia do rock e educação universitária na área de comunicação¹

Cesar Beras²
Gabriel Sausen Feil³
Fabiano Neu⁴
Emilene Lul⁵

Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA

Resumo

Este artigo trata da criação da disciplina de Sociologia do rock, como uma forma inédita de produção do conhecimento a partir de duas discussões conceituais: o rock como fenômeno social configuracional, que ao mesmo tempo que é produzido pela sociedade, também a produz e o rock como um provável intercessor, ou seja como uma experiência que permite a construção de signos e saberes sobre a sociedade em que vivemos. Para ilustrar a reflexão proposta, o artigo apresenta a criação da disciplina de Sociologia do rock, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), no curso de Publicidade e Propaganda em São Borja. Busca-se estabelecer uma análise sociológica da sociedade tendo como centro estruturante a experiência do rock, assim como seu impacto como fenômeno no processo da sociabilidade humana.

Palavras-chave

Sociologia do rock; configuração; intercessores; educação

Introdução

Por que estudar o rock n' roll? Só para conhecer mais a história do rock? Ver seu funcionamento dentro da indústria cultural? Ver sua relação com a problemática das drogas, do comportamento da juventude? Ver sua evolução enquanto estilo musical? Só para evidenciar sua importância? Ou talvez para focá-lo como um estilo de vida? Não... isso, e muito mais, já existe e tem versões à disposição e a vontade para qualquer gosto. Queremos é pensar o rock enquanto fenômeno cultural e social simultaneamente, pois

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 02 de junho de 2012.

² Professor Doutor de Sociologia da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA Campus São Borja, e-mail: beras@potoweb.com.br

³ Professor Doutor do Curso de Comunicação Social – Hab. em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA Campus São Borja, e-mail: gabriel.sausen.feil@gmail.com

⁴ Acadêmico do 8º semestre Comunicação Social – Hab. em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA Campus São Borja, e-mail: f.neu@hotmail.com

⁵ Acadêmica do 8º semestre Comunicação Social – Hab. em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA Campus São Borja, e-mail: emileneplul@gmail.com



Em su origen, el rock and roll fue una ruptura casi violenta por su propuestas y por la repression de que fue objeto. Há sido amor y fuerza, pero tambien muerte y expecatation. Há sido energia y belleza, passion, pero tambien sensacionalismo e industria. (FABRA, 2003,pg 16 p.)

O rock surge como ruptura, como um movimento potente que transforma os indivíduos e as relações entre esses indivíduos. Um fenômeno heterogêneo e arrebatador tencionando constantemente valores antagônicos e configurando novos estilos de vida, mas também formas de pensar e articular a sociedade. Assim:

El rock es subversivo, no porque parezca autorizar el sexo, la droga y outras emociones faciles, sino por que anima a la gente a juzgar por su conta los tabúes de la sociedad. (RICHARD GOLDESTEIN in SEABRA, 2003, pg 16 p.)

O rock é uma manifestação cultural em larga escala, que se estende através da sociedade em seus mais variados meios, desde a moda e a cultura popular, até a política e as questões mundiais. Devido a todo esse impacto na sociedade e a influência que ele exerce atualmente, nasce a necessidade da disciplina Sociologia do rock, a fim de esclarecer à que ponto este influenciou e nos influencia até hoje.

Bases conceituais

A preocupação central então, ao se pensar uma Sociologia do rock, é a de pensar o rock enquanto um fenômeno social configuracional⁶, ou seja, produto do padrão mutável da interpenetração de diversos sujeitos que conformam um efeito reticular estruturante. Isto significa reconhecer três dimensões de uma configuração: ela tem como base a existência de uma sociedade conflituosa (I), onde os seres humanos, estão em constante luta entre si, para a afirmação de suas necessidades. As relações sociais são relações de poder (este entendido como a diminuição da interdependência de um ser humano pelo outro). Logo o rock seria visto como uma necessidade simbólica a ser satisfeita. Esta é uma primeira aproximação, a partir da compreensão de poder:

Característica estrutural de uma relação, que a penetra totalmente; como característica estrutural que é, não é boa nem má. Pode mesmo ser boa e má. Dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Na medida em que somos mais dirigidos pelos outros do que por nós, estes têm poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes

6 Ver Elias (2002)



deles pela utilização que fazem da força bruta ou pela necessidade que tenhamos de ser amados, necessidade de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de estímulo (ELIAS, 1970, p. 101)

Enquanto configuração é fruto não somente de uma estrutura social e muito menos fruto da pura ação social, mas uma síntese possível da interpenetração e (II) interação de diversos indivíduos. Logo é um fenômeno social no momento que representa um determinado produto polissêmico e multifacetado. Assim o rock seria visto como diversidade e não homogeneidade.

Simultaneamente enquanto configuração o fenômeno social é uma ação reticular, ou seja, não fruto de uma intencionalidade, mas o resultado de uma interação complexa em aberto, como diz Elias (1990, p. 29), “tensões que emergem dentro da rede humana”, as quais têm como característica central o fato de “as pessoas mudarem uma em relação às outras e através de sua relação mútua, de estarem continuamente moldando-se e remoldando-se em relação às outras [...]”. Ou seja, o rock esta sempre se modificando. Assim sendo,

as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela e seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato entremeará com os de outra pessoas; desencadeará outra sequências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda essa rede humana móvel (ELIAS, 1990, p. 48).

Nesta perspectiva, Simmel (1983, p.122) concebe o conflito como uma forma de sociação:

Se toda interação entre homens é uma sociação, o conflito-afinal, uma das mais vividas interações e que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo apenas - deve certamente ser considerada uma sociação. E de fato os fatores de dissociação – ódio, inveja, necessidade, desejo – são as causas do conflito; esse irrompe devido a essas causas.

Logo, buscaremos abordar o rock em uma perspectiva sociológica, entendendo-o como uma *configuração* (relações simbólicas de poder, interpenetração heterogênea e em fluxo constante), ou seja, uma *sociação*. Logo um elemento dinâmico constitutivo da sociedade. Assim objetivamos em uma disciplina acadêmica pensar a configuração do rock a partir da sociedade e, de forma inversa, a própria configuração da sociedade a partir do rock.



A disciplina de Sociologia do Rock tem por objetivo compreender como este gênero musical vem difundindo-se desde seus primeiros passos: sua pré-história e o início na década de 1950 até os dias de hoje, no mundo, na América Latina e no Brasil. Entende-lo como elemento que perpassa o contexto histórico, agrega-se a realidade, interfere diretamente na esfera política, social, econômica e cultural, assim como é afetado por ela.

Nesta perspectiva, completando o objetivo acima, além de *configuração/sociação*, um conceito que pode facilitar a linha de pesquisa pretendida, é o de *intercessores*, do filósofo francês Gilles Deleuze (1992), como instrumento que possibilite perceber a relação entre rock e sociedade como um ato criador. Experimentar é assim, conhecer o rock não somente como fenômeno em si, rompendo com a análise histórica em si, mas percebê-lo como um encontro entre a sociedade, a vida, a história e a construção do conhecimento.

Além do contexto histórico que afeta o rock e como isso muda a cena para o rock enquanto arte, também veremos o rock como *intercessor* na história e na formação da sociedade.

Assim, *intercessores* são quaisquer encontros que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor. Sem os intercessores não há criação. Sem eles não há pensamento, como afirma Deleuze (1992, p.156):

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.

Supor o rock como um possível *intercessor* com base no pensamento Deleuzeano requer compreender duas questões: 1) para ser um *intercessor* ele deve ser experimentado, ou seja, ele age como criador de signos a partir do “curtir rock”, “viver o rock”, “sentir o rock”, e 2) esta experimentação de apropriação do rock, ou seja, esse processo real, pois efetivo dentro das redes de sociabilidade humana, é compreendido como um encontro entre o indivíduo enquanto portador de uma biografia, a sociedade, a história enquanto processo e o conhecimento humano. Este encontro possibilitara a reconstrução do conhecimento a partir de uma nova base de significações da sociedade, história e, assim, do próprio indivíduo.



Deduzimos, a partir daí, então, o rock como uma nova forma de pensar, ou seja, significar o mundo, pois, verificamos em Vasconcelos (2005), ao tratar sobre filosofia e seus *interecessores* que:

- a) “Pensar não é o exercício natural de uma faculdade”, advém da experimentação e é forjado a partir do contato “violento” entre o fluxo já rotinizado e um novo fluxo, uma nova corrente de significações;
- b) “O pensamento não pensa sozinho e por si mesmo”, ou seja, necessita de motivadores, ou no caso, *intercessores* que o retirem de sua imobilidade e recoloquem novas perspectivas no processo de significação e assimilação do mundo;
- c) “Pensar depende necessariamente das forças que se apoderam do pensamento”, ou seja, não há um pensamento estanque, mas em diálogo com forças externas.

Assim, neste contexto teórico o rock pode vir a possibilitar encontros que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor.

Processos sociológicos constitutivos do fenômeno rock

A problemática abordada pela Sociologia do Rock e que esta na base de suas realizações práticas: o festival PampaStock⁷ e a construção de uma genealogia do rock está configurada sobre três processos sócio históricos que estão na base da complexa realidade que vivemos atualmente: os processos de racionalização, de individualização e da globalização que combinados apontam para uma modificação substancial da modernidade e da configuração de uma específica “atitude rock” a partir dos anos de 1950.

Os três processos referidos acima, têm como base comum a compreensão de que o mundo é fluido, ou seja, seu desenvolvimento é um movimento constante e não linear. O processo de construção da humanidade não só é lento, como fluido, ou seja, a construção da esfera humana e logo da sociabilidade está sempre em movimento e se transformando. A construção fluida da humanidade pode ser vista em Elias (1993, p. 09), “a tese de que a condição humana é uma lenta e prolongada construção do próprio homem”. Conforme Ribeiro esta reflexão salienta que

nem a condição humana é absurda (ela descreve um sentido), nem este é conferido de uma vez por todas, de fora de nós (não existe um deus

⁷ Projeto de extensão que apresenta um festival de rock organizado por alunos, professores e funcionários da UNIPAMPA/São Borja



doador de sentido, nem uma natureza do homem. (RIBEIRO apud ELIAS, 1993, p.9)

Assim percebemos que a construção da humanidade é uma invenção social, onde seu sentido é impresso, a partir da sociabilidade humana e dos contextos sociais construídos. Não é possível pensar, então, os indivíduos fora deste contexto, mas sempre na sua interação com os outros indivíduos. Isto remete para um fluxo incessante e preche de possibilidades. Neste fluxo Elias (1993, p. 231) vai salientar que:

Os hábitos tradicionais de pensar confrontam-nos ininterruptamente com alternativas estáticas. São formados, em certo sentido, de acordo com modelos eleáticos: apenas conseguimos conceber pontos isolados, mudanças abruptas e separadas, ou absolutamente nenhuma mudança. E evidentemente ainda temos muita dificuldade em nos imaginarmos como parte de um processo gradual de mudança, continua, dotado de estrutura e de regularidade específicas – uma mudança que se perde na escuridão do passado mais remoto - e como parte de um movimento que, tanto quanto possível, deve ser visto como um todo, tal como o vôo de uma flecha ou o fluir de um rio, e não como a repetição da mesma coisa em pontos diferentes, ou como algo que salta de um ponto para outro. O que muda no curso do processo que denominamos de história são as relações mútuas as configurações de pessoas e a modelação que o indivíduo sofre através delas.

Ou seja, de forma geral o fluxo está sempre tensionado entre formas estáticas, geradas pelas tradições culturais cristalizadas em hábitos e costumes comuns e a mudança desta tradição, as transformações de sentido e logo da própria base cultural advindas do processo de sociabilidade humana, no momento que surgem novos contextos e novas necessidades sociais. Neste processo é que surge, conforme Elias, a modelação do indivíduo, ou seja, os atributos identitários que vão consolidar o que conhecemos como identidade individual.

Estes processos interconectados configuram o século XXI, que por um lado representa, sobretudo, a materialização de problemas prenunciados na década de 80, como: degradação ambiental, desemprego em massa, miséria, fome, violência generalizada, aumento do tráfico de drogas e de armas, prostituição infantil e etc.; e por outro, a ampliação das formas de comunicação universal via internet que significa por sua vez novas experiências de espaço-tempo através do aumento da capacidade de conhecimento individual e coletivo entre outras coisas. Vivemos então, no início do século em uma situação que Hobsbawn define como “mundo em descontrole”, ou seja, um barco sem rumo, mas pleno de possibilidades quer positivas, quer negativas.



Neste sentido, tem-se dois cenários diferentes: um onde o desenvolvimento tecnológico e o desenvolvimento social conseguem se equilibrar e assim a humanidade pode se desenvolver dentro dos parâmetros iluministas do século XVIII: Igualdade, Fraternidade e Liberdade, onde a fome, a miséria, o desemprego, a violência sejam controlados e minimizados; de outro lado, o cenário onde o desenvolvimento tecnológico e social seja desequilibrado, onde os dois sejam muito baixos ou um deles se desenvolva e o outro não. Assim sendo, podemos verificar na atualidade um grande nível de desenvolvimento tecnológico, mas, um baixo nível de desenvolvimento social.

Verificamos que o desemprego é estrutural no momento em que a tecnologia mais avança na produção de automação e robotização o que poderia ter significado pleno emprego e distribuição de renda, mas percebeu-se que isto não aconteceu. Com esta, digamos, implosão do mundo do trabalho a partir da substituição direta e sem compensações do trabalho vivo pelo trabalho morto, verificamos uma implosão social, pois paralelamente com a transnacionalização da economia, o Estado Nação perde seu principal esteio de financiamento, o tributo territorial. Assim, sem trabalho e sem proteção social, aliados a concentração de renda, temos um mundo em constante precarização social onde prolifera no conceito de Bauman, o “refugio humano”, ou seja, a existência de milhões de pessoas que se encontram de forma permanente a margem da sociedade e renegada economicamente por esta.

O resultado cultural desse processo é o surgimento de uma insegurança ontológica, a saber, o sentimento de insegurança e instabilidade instituído no centro do ser, aonde no processo de constituição e reconstituição permanente de nossa personalidade, nos deparamos com o pavor de, repentinamente, perdemos todo o pouco que temos e passarmos a ser os incluídos de ontem e os excluídos de amanhã. “Será que terei meu emprego ainda amanhã? Será que conseguirei um emprego”? São alguns exemplos de como percebemos a realidade social que nos cerca.

Assim é que sugerimos a execução de um festival de rock em São Borja, como um projeto de extensão que visa envolver a comunidade e a universidade. Nesta perspectiva, um conceito que justifica a construção deste festival é o de *intercessores*, como instrumento que possibilite perceber a relação entre rock e sociedade como um ato criador. Experimentar, assim conhecer o rock não somente como fenômeno em si, rompendo com a análise histórica em si, e percebê-lo como um encontro entre a sociedade, a vida, a história e a construção do conhecimento.



Além do contexto histórico que afeta o rock e de como isso muda a cena para o rock enquanto arte, também veremos o rock como *intercessor* na história e na formação da sociedade. Perceber que:

Pensar não é o exercício natural de uma faculdade. O pensamento não pensa sozinho e por si mesmo, como também não é perturbado por forças que lhe permaneceriam exteriores. Pensar depende necessariamente das forças que se apoderam do pensamento. (Deleuze, 1992, p. 155)

Assim *intercessores* são quaisquer encontros que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor. Sem os *intercessores* não há criação. Sem eles não há pensamento:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. (Deleuze, 1992, p. 156)

Enfim, perceber, a ênfase dada ao rock como estilo de vida nas comunidades, como estruturantes de relações, e como o rock propõe as mudanças no modo de agir e atuar na sociedade.

Partimos, então, da hipótese de que esta construção fluida da humanidade articula este processo de construção identitária do indivíduo a partir de dois outros processos: um é o da racionalização da ação humana, onde esta busca, constantemente, maximizar o atendimento de suas necessidades (materiais e simbólicas) e que isto implica em perceber que vivemos em uma sociedade conflituosa por excelência, onde as relações são pautadas por lutas em busca de poder, na perspectiva elisiana:

Característica estrutural de uma relação, que a penetra totalmente; como característica estrutural que é, não é boa nem má. Pode mesmo ser boa e má. Dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Na medida em que somos mais dirigidos pelos outros do que por nós, estes têm poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes deles pela utilização que fazem da força bruta ou pela necessidade que tenhamos de ser amados, necessidade de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de estímulo (ELIAS, 1970, p. 101).

Este processo articula-se com outro, a saber, o da globalização da economia, cultural e sociedade, da década de 1970 que aumenta as possibilidades de racionalização, ao mesmo tempo, que aumenta a seletividade de oportunidades e cria um novo ambiente mundial, nunca antes visto. O projeto da modernidade com base nos pilares da regulação via o Estado, o Mercado e a Comunidade e o pilar da emancipação via a cultura, ética e moral e ciência e tecnologia implodiu de vez. Ao invés de termos



dois pilares, temos um só: o da emancipação sem regulação ou alternadamente muita regulação, mas sem emancipação. Não há mais equilíbrio⁸. Isto não só aumenta a fluidez da construção da humanidade, como a dramatiza, pois velhos problemas retomam a cena de forma muito intensa: miséria, fome, violência, prostituição infantil, xenofobia, alcoolismo e etc.

Este processo histórico que se consolida a partir de 1970, tem suas origens no pós-guerra, onde o capitalismo, pelo menos nos EUA, vive uma fase de ouro e que depois acabará por desmoronar-se graças ao próprio capitalismo que na busca da maximização do lucro se transnacionaliza e inaugura a globalização da economia⁹. Neste processo surge o rock, que já em sua gênese questiona a estrutura social vigente, pois advêm de toda uma sonoridade negra (blues, jazz), mas que ganha espaço e funde-se com a sonoridade branca (folk, country) criando em um breve espaço de tempo um ritmo que questionava em três sentidos: no ritmo, que fazia os corpos balançar espontaneamente, nas letras, que traziam a temática do sexo, tabu hipócrita de uma sociedade conservadora, onde todos praticavam sexo, mas ninguém reconhecia e nem problematizava suas conseqüências e no comportamento de seus expoentes (interpretes). Ora, temos uma primeira aproximação do rock como um comportamento rebelde, uma atitude de contestação do mundo tal como está.

Não devemos supor disto, de que são todos revolucionários que querem mudar o mundo. O que se questiona são as coisas como estão, mas não necessariamente na busca de uma nova sociedade, mas na busca sim de um espaço para uma nova individualidade, que não é a configurada pela 2ª guerra, ou pela depressão de 1929, mas pela idade de ouro do capitalismo, prenhe de oportunidades para a juventude, mas plena de proibições, neste sentido, afirma Hobsbawm:

Contudo, a década de 1950, demonstrou da maneira mais sensacional, através do triunfo do rock n' roll, um idioma de adolescentes derivado do blues urbano autóctone dos guetos negros da América do Norte, que as massas sabiam ou pelo menos reconheciam aquilo de que gostavam (HOBBSAWM,2000,p 496).

Assim a problemática que buscamos explorar em sala de aula, na realização do festival de rock e na pesquisa da genealogia é de que o rock traz em si uma fluidez típica que assimila, mas contrasta em alguns momentos com a fluidez da humanidade. A proposta é perceber como isto acontece nos dias de hoje.

⁸ Para esta reflexão conferir Boaventura Santos(1997)

⁹ Para aprofundar a reflexão vide Hobsbawn(2000)



Metodologia

Metodologia de Ensino

A -Interativa: trabalhos em grupo ou duplas, seminários, debate em sala de aula, realização de papo rock (oficina de discussão com a presença de convidados de fora da disciplina) e cine rock (exposição de filme com realização de resenha critica)

B -Exposição teórica didática com auxílio de linguagem HTML musica e vídeos.

C -Construção de análises da realidade a partir da relação entre rock e contexto social através de exercícios de grupo em sala de aula

PLANO DE ENSINO

Dados de Identificação

Campus: São Borja	Curso: Publicidade e Propaganda	
Componente Curricular: Sociologia do Rock	Código:	
Pré-requisito(s): Não		
Docente: César Beras	Turma(s):	
Ano Letivo / Semestre: 2011/II	Turno: Diurno	
Carga Horária: 60 hrs	Créditos Teóricos: 4	Créditos Práticos:

Ementa

Abordar o *rock roll* em uma perspectiva sociológica, desde sua pré-história e o início na década de 50 até os dias de hoje, no mundo, na América Latina e no Brasil, entendendo-o, como uma configuração social constitutiva das relações sociais, elemento intercessor que cria e perpassa o contexto histórico, agrega-se a realidade, interfere diretamente na esfera política, social, econômica e cultural, assim como é afetado por ela. Pensar a configuração do rock a partir da sociedade e de forma inversa à própria configuração da sociedade a partir do rock.

Objetivos


Objetivo Geral:

- Construir um processo de ensino aprendizagem que estabeleça as conexões entre o rock e a sociedade verificando suas interpenetrações e configurações específicas.

Objetivos específicos:

- Estudar o rock como um possível intercessor a partir da criação de novos signos
- Realizar uma leitura critica dos diferentes períodos do rock no mundo, no Brasil e na América Latina
- Analisar o rock como fenômeno produzido e produtor de realidade social

Conteúdo Programático e Cronograma

Data	Número Aula	Assunto
UNIDADE I - Origens musicais e os marcos sociológicos do rock roll		
	1	Apresentação programa de aula, professores e alunos, construção dos grupos Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Chapecó - SC – 31/05 a 02/06/2012
		<ul style="list-style-type: none"> • Modernidade, racionalização e globalização da humanidade – as bases sociais do rock roll. • Organização do cronograma das comissões do festival
	2	<ul style="list-style-type: none"> • Modernidade, racionalização e globalização da humanidade – as bases sociais do rock roll • Construção de análises da realidade • Espaço para produção de artigos
UNIDADE II - O início: As primeiras gerações do rock - do pós-guerra a uma nova cultura musical– anos 50 e 60		
	3	<ul style="list-style-type: none"> • O ambiente sócio- histórico nos EUA e no mundo – as bases musicais do rock roll • O pós guerra e o novo desenvolvimento societário – a idade de ouro do capitalismo no século XX • A primeira e a segunda geração do rock roll – prosperidade, guerra fria x amor e sexo • Construção de análises da realidade
	4	<ul style="list-style-type: none"> • A primeira e a segunda geração do rock roll – prosperidade, guerra fria x amor e sexo • Papo Rock
	5	<ul style="list-style-type: none"> • A primeira e a segunda geração do rock roll – prosperidade, guerra fria x amor e sexo • A Invasão Inglesa – novos estilos a ampliação das canções de amor e sexo e protesto • Construção de análises da realidade • Momento festival
	6	<ul style="list-style-type: none"> • A Invasão Inglesa – novos estilos a ampliação das canções de amor e sexo e protesto – fechamento da unidade • Construção de análises da realidade
	7	<ul style="list-style-type: none"> • SIEPE- (Apresentação Sociologia do rock)
	8	<ul style="list-style-type: none"> • A Invasão Inglesa – novos estilos a ampliação das canções de amor e sexo e protesto – fechamento da unidade • Papo Rock
UNIDADE III - A consolidação: deuses da guitarra, tecnologia, revitalização punk - A globalização da economia – fim dos anos 60 e década de 1970		
	9	<ol style="list-style-type: none"> 1. Globalização, racionalização e nova fase do sistema capitalista 2. Rock, sociedade e protesto: em busca do acorde perfeito 3. A explosão de novos estilos – hard rock e punk – a volta das canções de amor e sexo 4. Construção de análises da realidade 5. Documentário anos 70
	10	<ul style="list-style-type: none"> • A explosão de novos estilos – hard rock e punk – a volta das canções de amor e sexo • Construção de análises da realidade
	11	<ul style="list-style-type: none"> • Cine rock • Entrega dos artigos
UNIDADE IV - A Diversificação: cd´s , vídeo clipes e novos estilos : O fim da guerra fria e o avanço da globalização. As décadas de 1980 e 1990.		
	12	I. Momento Festival – preparação final (festival e palestras)
	13	II. A década de 80: CD,MTV e o novo ciclo econômico III. Construção de análises da realidade
	14	IV. A década de 80: CD,MTV e o novo ciclo econômico V. Construção de análises da realidade
	15	VI. A década de 90 – Novos estilos e diversificação global VII. Construção de análises da realidade VIII.Papo rock
UNIDADE V - Novas perspectivas? - Início do século XXI: os anos 10		
	16	IX. 2000 – A virada do século e a nova configuração do rock
	17	X. Auto-avaliação XI. Papo rock – E partir de agora XII. Papo rock



Conclusão

O rock é influenciado, então, por uma sucessão de fatos importantes anteriores à ele, que formam a base ideológica do Rock, e se concretiza como movimento na expressão dos eventos e dos sentimentos de seu tempo, influenciando e sendo influenciado pela mentalidade da época. Por isso a necessidade da criação desta disciplina. Devido a contribuição que o aprofundamento neste tema pode exercer no indivíduo, fazendo com que o mesmo consiga entender melhor a que época que vive, e os fatores culturais que afetaram a ele, o que o influenciou sua mentalidade, consequentemente e de que forma o rock altera sua vida e vice versa(intercessores).

A disciplina da Sociologia do Rock vem com o diferencial de informação de estruturação de conteúdo e conceitos ligados ao rock buscando ver a influencia do rock na sociedade e a da sociedade no rock.

Para tanto buscamos trazer diferenciais para apresentar as aulas e os conteúdos. Todas as aulas terão uma dinâmica para construção do conhecimento, isso irá incluir apresentação de Slides para facilitar o entendimento e o fluir da aula. De acordo com os temas e com os assuntos, apresentaremos também referências diretas como músicas, letras, fotos e vídeos para a familiarização e assimilação de tal proposta.

Diferentemente das propostas já apresentadas, tratemos também um estudo paralelo com os acontecimentos que ocorreram na América Latina e no Brasil, de forma que possamos interligar os acontecimentos mundiais à estas esferas .

Referências bibliográficas



- BAUMAN.Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro ; Zahar, 1999.
- BAUMAN.Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BECKER.D. **O que é adolescência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BISKIND, Peter; BULLS, Raging; RIDERS, Easy. **Como a geração sexo-drogas-e-rock'n'roll salvou Hollywood**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- CHACON.P. **O que é rock**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985.
- DELEUZE. G. **Os intercessores**. In: conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- ELIAS. N. **O processo civilizador – Formação do Estado e Civilização- vol II**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS.N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS.N. **Os Alemães – A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FABRA .J. **La Era Rock (1953-2003)**. Espanã: Espasa e Hoy,2003.
- FRIEDLANDER. Paul. **Rock and Roll – uma historia social**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2002
- HOBSBAWN. E. **Era dos Extremos – o breve século XX – 1914 -1991**.São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MCCAIN, Gillian; MCNEIL, Legs. **Mate-me por favor**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- MUGGIATI. R. **Rock – De Elvis à beatlemania(1954 -1966)**. São Paulo: Brasiliense, 1985.